

## Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano Crônica 19– junho, 2015

### A QUESTÃO DO COMPROMISSO NA PÓS-MODERNIDADE

Ierecê Barbosa<sup>1</sup>

Eu tomava café em uma lanchonete, localizada em um shopping de Manaus, quando duas jovens chegaram e ocuparam a mesa vizinha. Conversavam em alto tom e não pude deixar de ouvir o que diziam:

- O problema é que ele quer casar. Já falei que não quero compromisso tão cedo.

- Fez bem, amiga. Eu deixo isso bem claro logo no primeiro dia. Já pensou! Passar a vida toda vivendo amarrada a uma pessoa, todo dia, toda hora. Olha, não tem como! Qual é a desse cara, vive no passado?

Fiquei observando as duas, tentando captar alguns traços, objetivando saber quem eram e o que faziam. Eu diria, com margem de erro, é claro, que eram universitárias, ou já formadas, e com emprego fixo, pois alguns marcadores do discurso evidenciavam que, apesar de jovens, já gozavam de certa autonomia financeira. A cena me conduziu ao passado, não muito distante, em que as moças procuravam homens com as características daquele descrito na conversa das jovens não casadoras, homens que não namorassem apenas para “passar tempo”, ou “passar uma chuva”, como diziam nossos pais.

Por que as mulheres de hoje fogem, em maioria, dos compromissos? Penso que há um grande equívoco e algumas distorções: primeiro, a sociedade mudou, mas a forma de encarar o compromisso ainda é pretérita. O compromisso ainda está caracterizado como pontual, ele vem de uma vez só, com toda a carga de obrigações que a visão cultural estereotipada lhe outorgou. Segundo, o compromisso não é um buraco negro, em que você cai e nunca mais encontra a saída. Terceiro, o compromisso não é único, sempre houve vários tipos de compromissos entre os casais. Do convencional aos mais estranhos possíveis, mas se há acordo entre as partes envolvidas, tudo bem!

Parece-me que falta a compreensão de que o compromisso é processual e como tal se firma em diferentes estágios. Aos poucos, os parceiros vão assumindo mais a relação. Entendo que qualquer pessoa sensata tem receio de assumir compromisso formal, em curto prazo. É necessário passar pelos estágios necessários que deixam as pessoas mais tranquilas frente ao novo rumo que pretendem dar as suas vidas. O que espanta as jovens de hoje é a pressão do compromisso de ontem, em plena pós-modernidade. Muitas vezes, o entendimento daquele que propõe o compromisso é um e o de sua parceira é outro. Quando os dois estão afinados, em seus sentimentos e valores, fica mais fácil acertar os passos e caminhar lado a lado.

Fugir do compromisso apenas por medo de se comprometer ou perder a liberdade não me parece muito sadio do ponto de vista psíquico, pois a vida é feita de acordos. Cotidianamente estamos firmando acordos formais e informais, muitos nem precisam ser verbalizados, eles nascem de modo espontâneo durante a convivência do casal e não determinam, em linhas dura, o que é de um ou de outro, tudo vai depender das circunstâncias. Tarefas e

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação, Jornalista, Psicanalista Clínica e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia – PPGEEC/ ENS/ UEA. Email: [ierecebarbosa@yahoo.com.br](mailto:ierecebarbosa@yahoo.com.br)

## **Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano**

### **Crônica 19– junho, 2015**

compromissos que eram realizadas por um dos parceiros poderão ser assumidos pelo outro, numa boa.

Em verdade, são regras básicas de bem viver e que são exercitadas não só na vida a dois, mas também no trabalho e na vida social. Então, como não temos como ignorar os compromissos, resta-nos aprender a conviver com as diferenças. O segredo não está só na forma como lidamos com eles, mas também de como entendemos e aceitamos o que estamos vivendo juntos. Quem radicaliza geralmente se decepciona ou acaba decepcionando alguém, pois as decisões equivocadas respingam para todos os lados.

Para muitos jovens, o casamento perdeu o encanto. Não existe mais o “até que a morte nos separe”, e sim o “até que um deixe de amar ou encontre alguém com mais atrativos midiáticos”. Com receio de “quebrar a cara” muitos não arriscam, o que é compreensível até certo ponto. O que fazer? Não sei. Não há receitas para relacionamentos, cada um tem suas especificidades. Entretanto, podemos pensar em alternativas: se você está com medo, muito inseguro, então não case; Há confiança, respeito, afinidades? Siga em frente, em passos curtos e cautelosos; Sentiu firmeza? Mergulhe fundo sem medo da dor, pois ela virá, faz parte da vida, encare-a como parte da sua condição humana e tente ser feliz, usando o seu anel de compromisso, e por que não? Aliás, recomendo comprar o mais bonito que encontrar. Afinal, um compromisso não é apenas para ser cumprido formalmente, mas para ser renovado e ressignificado sempre que for necessário. Penso que com um pouco de sorte e fé, também necessárias, é provável que os compromissados sejam “felizes para sempre”. Conto de fadas? Não, simplesmente uma construção a dois com objetivo focado.